

O imaginário da Exclusão na Folha de S. Paulo

*Carolina M. P. Pulice*¹

*Cintia S. Oliveira*²

*Dimíttria Coutinho*³

*Marília Fiorillo*⁴

Resumo

O presente artigo é parte de uma pesquisa mais ampla, “O Imaginário da exclusão”, sobre a cobertura da grande mídia brasileira das manifestações sociais ocorridas no ano de 2014 (Veja, Estado de S Paulo O Globo, Carta Capital e Folha de S Paulo, aqui tratada). Compõe-se de ampla e minuciosa análise quantitativa, e levanta a hipótese, no decorrer da análise qualitativa, de que tal cobertura (resguardadas as particularidades), calcou-se no uso de clichês e scripts pejorativos, de modo a desqualificar os movimentos sociais e populares. O principal marco metodológico é a Análise Crítica do Discurso de Teun Van Dijk.

Introdução: alguns conceitos da análise crítica do discurso

Sumariamente, gostaríamos de introduzir alguns conceitos calcados na obra de Teun van Dijk e Chaim Perelman, que nortearam nosso projeto de Iniciação Científica, “O imaginário da exclusão”, que diz respeito à avaliação crítica da narrativa, ou discurso, contido na cobertura jornalística das manifestações sociais e populares, no período de 26

¹ Estudante de graduação do 3º semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da USP.

² Estudante de graduação do 3º semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da USP.

³ Estudante de graduação do 3º semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da USP.

⁴ Orientadora. Professora doutora da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo CNPq. E-mail: mpfusp@hotmail.com.

de março a 31 de agosto de 2014, dos seguintes periódicos: Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo, O Globo, revista Veja e revista Carta Capital.

Cabe ressaltar que foi realizado um levantamento quantitativo exaustivo, dia-a-dia, a ser disponibilizado no wikisite do projeto.

A seguir, os resultados parciais da análise do jornal Folha de S Paulo, precedidos pelo esclarecimento das ferramentas metodológicas e conceituais que utilizamos:

Script: conceito axial; o script é a moldura mental, ideológica e cognitiva na qual tanto os produtores de notícias como os leitores estão imersos; trata-se de certos valores ou sentidos socialmente partilhados, e muitas vezes despercebidamente; portanto, um script não é intencional, é subliminar _não se trata da opinião ou idiossincrasia deste ou daquele jornalista, mas do repertório discursivo-ideológico. Como substrato cognitivo que é, o script está sempre IMPLÍCITO, nunca necessitando ser explicitado. Os scripts reverberam valores, acepções, noções, descrições, perspectivas; são eles que operam as conexões entre fato a ser relatado e interpretação deste fato. (por exemplo: o script que está suposto na palavra “greve” pode variar de contexto para contexto; no híbrido de capitalismo e socialismo (e baixos salários e nenhuma liberdade sindical) da China de hoje, greve seria um termo tão explosivo e subversivo quanto o foi durante os anos da ditadura brasileira; ao contrário, o termo greve na Itália dos anos 80 (pátria do único partido comunista de massas, o PCI), tantas e tão frequentes eram estas, ressoa como um lugar-comum, anódino e no máximo importuno.

Coerência global: o destaque dado ao assunto, a relevância a ele atribuída, que aspectos são enfatizados, sua recorrência. Trata-se aqui de analisar a inserção do tema numa moldura mais geral (ou de ignorá-lo, ou de minimizá-lo, ou de tratá-lo como referencial pouco pertinente à narrativa).

Coerência local: são as micro regras através das quais é feita a seleção, estruturação e edição do texto; corresponde à Coerência Local estabelecer a) hierarquias de importância no conteúdo do texto, além de b) sequencias lógicas e modalidades de argumentação.

Uso estratégico da irrelevância: este artifício é um dos mais comumente utilizados, e diz respeito a desviar a argumentação do assunto em pauta, para desqualificá-lo ou qualificá-lo indiretamente; opera ou por omissão (dá-se ênfase aos detalhes desimportantes), ou por agregação de informações impertinentes, desconectadas da questão central, mas que, no curso do texto, tornam-se o foco de atenção.

Análise Retórica: finalmente, utilizamos também elementos da nova retórica. Aí estão compreendidos vários conceitos (situação retórica, prova externa e interna) e artifícios argumentativos, que balizam não só a confecção como a análise do texto final. São eles:

1. As escolhas estilísticas de vocábulos e do fraseado;
2. A elocução, o modo de introduzir e desdobrar o argumento central;
3. Os expedientes de se comparar o fato com outras histórias similares;
4. O recurso ao ethos, pathos ou logos: logos = narrativa pautada na argumentação e exposição; pathos = narrativa na qual o chamamento às emoções e idiosincrasias do suposto leitor dão o tom; ethos = aquela narrativa cuja maior sustentação está na autoridade de quem a profere, ex: um discurso sobre uma crise humanitária, campo de refugiados, tem um ethos mais forte se proferido ou assinado pela Anistia Internacional ou a Human Rights Watch, do que se fosse enunciado por um ator de Hollywood. Breve exemplo: para se descrever os protestos ocorridos recentemente em Atenas contra as medidas de arrocho econômico a manchete pode ser: “Uma multidão de jovens enfurecidos gritava slogans antigovernamentais nas ruas de Atenas”. (Nas entrelinhas, lemos: arruaceiros aproveitam para badernar) ou “Uma multidão de trabalhadores se reuniu na Praça Plaka para protestar contra o desemprego (depreende-se: cidadãos legítimos + demandas lícitas e justas).

Ao aplicar os conceitos mencionados ao nosso corpus, notamos que havia uma recorrência de scripts negativos em relação às manifestações sociais para além da escolha de pautas e eventual editorialização do tema, ressaltando estereótipos negativos.

Análise da cobertura do Jornal Folha de S. Paulo

Coerência global

Após análise das notícias relacionadas às manifestações no período mencionado, concluiu-se que o veículo Folha de São Paulo deu grande destaque aos protestos que ocorreram entre março e agosto.

Para classificar uma notícia como destaque, foi utilizado o critério de que deveria cumprir três condições: haver uma chamada, uma imagem, e uma manchete relacionada ao ato.

As notícias que estavam na editoria “trânsito” eram destaque em cadernos como Cotidiano, e durante a Copa do Mundo, no caderno A Copa como ela é.

Ainda sobre as notícias em destaque, a maior parte delas pertence aos tópicos Relacionados a Protestos, e Categoria.

Inicialmente, em nossa pesquisa, esse tópico ‘protestos’ não existia. Ao analisar o veículo, porém, percebeu-se a necessidade de cria-lo, pois era frequente a quantidade de reportagens, entrevistas ou depoimentos de órgãos da justiça, protagonistas e idealizadores dos atos, presos ou policiais.

O destaque para notícias relacionadas aos protestos pode ser explicado inicialmente de duas maneiras: divulgar análises mais profundas dos atos, ou/e revelar a posição do veículo.

Ao divulgar medidas governamentais relacionadas aos protestos (Ministro diz que governo deve manter "padrão Copa" na segurança pública, dia 6 de agosto), ou entrevistar policiais (Atos seguiam estrutura definida, diz polícia, dia 24 de julho) e líderes de movimentos (Em São Paulo, ativistas apostam em maior adesão a manifestações, dia 9 de julho), a Folha demonstra maior cuidado com a apuração e imparcialidade, e oferece ao leitor oportunidade de julgar os atos de acordo com sua opinião.

Essa, porém, não aparenta ser a tendência principal da Folha. Isso porque, na maioria das vezes, títulos e conteúdos são elaborados de forma a minimizar ou desqualificar os atos e suas características relevantes (causas, alcance, propósitos, etc.).

Um exemplo cabal: no dia 29 de março deste ano, a Folha divulgou uma nota com o seguinte título Nos EUA, ONGs criticam repressão de atos no Brasil.

Ao ler a notícia, sabemos que uma Comissão Internacional trouxe à tona a repressão policial e governamental sobre as manifestações brasileiras. O paradoxo é que um assunto extremamente importante e de repercussão internacional foi reduzido pela Folha a uma nota de três pequenos parágrafos na internet e no impresso.

Outro exemplo deste viés discursivo desfavorável aos protestos é o abundante uso de adjetivos na elaboração de títulos a eles relacionados. No dia 27 de junho, o jornal utilizou uma opinião reportada de um turista (seria qual o ethos, ou autoridade retórica, de tal depoimento?) para ridicularizar os atos que ocorriam durante a Copa do Mundo. O Título, Manifestações durante a Copa viram atração turística para estrangeiros, sugere que as manifestações valem mais como entretenimento brindado aos turistas, do que como gestos políticos da população, em busca de democracia. A omissão de informações

essenciais à narrativa, que conectem palavras e fatos, é uma escolha editorial, portanto intencionais, pois se espera que o leitor possua repertório suficiente ou pressuponha a conexão. Essa conexão, porém, na reportagem em questão, em vez de soar com ironia, ressoa como a identificação dos protestos com frivolidades de verão, quase que automaticamente.

Além das entrevistas e citações que exemplificam esta faceta ideológica claramente tendenciosa (contidas em nossa tabulação), as próprias pesquisas realizadas pelo veículo reiteram o forte viés opinativo subjacente:

Para 73%, protestos geram mais prejuízos do que benefícios (dia 22 de maio).

Coerência local

A oscilação seletiva autointitulada ‘ouvir todos (sic) os lados’ _ de fontes e dados exibidos na cobertura demonstra o intento da Folha de São Paulo em apresentar-se como imparcial. Essa pretensa imparcialidade, porém, é demolida com facilidade se atentarmos à frequência e à padronização das notícias.

Das 153 notícias analisadas em um período de 5 meses, mais de 40 delas seguem o padrão de conter exclusivamente:

- Relatos colhidos somente de policiais;
- Relatos do transtorno no trânsito causado pela manifestação;
- Relatos de depredação.

Muitas vezes, os três relatos aparecem logo no primeiro parágrafo. Essa característica é central na análise crítica do discurso, porque, conforme seus teóricos, o primeiro parágrafo sintetiza as informações mais complexas e importantes do fato.

Alguns exemplos dessa padronização editorializada:

“Deixou um saldo de roubos, engarrafamento e nove veículos incendiados na região metropolitana do Rio.” (MARTINS, 2014).

“Terminou com um ônibus municipal incendiado e interditou por cerca de duas horas a Avenida Coronel Sezefredo Fagundes, ontem. Eles protestavam contra a falta de água no bairro. Segundo a PM, a manifestação começou por volta das 18h e teve cerca de 200 pessoas.” (FOLHA, 2014).

“Ao menos quatro ônibus, duas caminhonetes e dois carros foram incendiados na tarde deste sábado (19) na região do morro do Caramujo, [...] a RJ-104, que liga o Rio de

Janeiro a região dos Lagos, estava totalmente interditada por barricadas montadas pelos manifestantes”. (BRITO e ALVES, 2014)

“[...] prejudicando o tráfego na região” (FOLHA, 2014)

“Trinta e cinco ônibus do transporte coletivo municipal foram depredados na manhã desta segunda-feira (19) no bairro Benedito Bentes, em Maceió, em protesto de moradores [...]. De acordo com a polícia, pelo menos 500 pessoas participaram. Três foram detidas.” (FOLHA, 2014).

Uso estratégico da irrelevância

Embora as descrições dos episódios sejam limitadas pelo espaço disponível e pela urgência de publicação imediata, a narração dos eventos desvela outra estratégia sutil e eficiente de deslocar a atenção do principal para o secundário: é o que se conhece como uso estratégico da irrelevância. Detalhes irrelevantes são hiperbolizados, de forma a ocultar o fato central.

Este artifício é usado em grande parte das notícias de reintegração de posse, que ocorreram principalmente no mês de agosto. A matéria do dia 11 de abril, de título Reintegração de posse no Rio tem confronto entre PMs e invasores, é emblemática deste uso estratégico da irrelevância.

O conflito entre policiais e moradores de uma área no Rio de Janeiro foi detalhadamente descrito pelo jornalista, que se refere a agressões durante a reintegração de posse. A ênfase é dada à agressividade dos ocupantes, e ao fato de terem atacado policiais com pedras. Mas a reportagem não esclarece: quantas pedras, quantas vezes? Foram atitudes reativas à violência policial? Defensivas ou a iniciativa partiu deles? A reportagem sequer tangencia estas questões, embora o repórter sugira que os moradores não reagiram com propriedade ou proibidade à ação policial. Só ao final do texto, texto este que nos parece a crônica do vandalismo popular, é que se conta que sete vítimas foram feridas. Todas elas, moradores do terreno, incluindo menores de idade e um bebê. Nos perguntamos: “Truculência policial não poupa sequer bebê” não seria um título mais condizente, e coerente, com os acontecimentos?

Outro exemplo deste recorrente artifício (uso da irrelevância) ocorreu na reportagem do dia 4 de agosto, com o título: Manifestantes fecham portão principal da USP.

Ao descrever a ação, o jornalista relata que alguns outros estudantes pularam o muro e o portão fechado para conseguir entrar na universidade. Essa informação – a existência de alunos que querem assistir aulas a despeito da ‘bagunça é um detalhe, não desprovido de colorido, mas detalhe, diante do fato central que deveria ser noticiado: o motivo do chamado “trancaço”. Porém, ao se deter com tanta insistência neste detalhe, perde-se a oportunidade de informar o leitor quanto aos motivos ‘trancaço’, seu contexto, e inclusive sua (baixa ou alta adesão). Mais uma vez: o garoto que pula o muro (não os garotos e nem os garotos que impedem a entrada) transmuta-se em fato central, perdendo-se a chance de esclarecer o leitor sobre a adesão, ou não, a um movimento cuja relevância é maior que acrobacias adolescentes. A conclusão sugerida no texto não é a de que há oposição (de alunos e professores e faculdades inteiras, disso não ficamos sabendo) à greve da USP. Os detalhes irrelevantes dão mote: aluno (no plural) quer ter aula; aluno(s) são contra a greve; esta greve é de uma minoria (quais não começam assim?); abaixo a ditadura das minorias; e, finalmente, fora com greves, que não passam de incômodos para gente séria.

Uso de vocábulos

Um dos lemas do marketing da Folha é sua pluralidade de opiniões. Isso seria aceitável (e altamente elogiável) se não esbarrasse nesta pristina tendenciosidade, ou parcialidade, que, para além de deturpações da coerência global e local, e do abuso de oclusões (uso das irrelevantâncias), pode ser mais uma vez exemplificado no uso de diferentes vocábulos (carregados de significações diferentes, às vezes até evocações contraditórias), para descrever um mesmo objeto.

Basta, num primeiro momento, sopesar o uso seletivo que o veículo faz de aparentes sinônimos (mas dicotomias) como “invasão x ocupação” e “vândalo x manifestante” (o segundo termo não só mais brando palatável, como o primeiro termo, em si, criminalizável).

A Folha opta seletivamente pelo uso dos termos "manifestantes", "greve", "ocupação" e "invasão" dependendo de quem é o protagonista do ato. Os Há inúmeros exemplos em nossa tabulação, mas vale desde já dizer que os sem-teto são sempre referidos como “invasores”, na fronteira da criminalidade. Vejam-se duas reportagens, com links abaixo:

<<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/160398-sem-teto-ligados-ao-pt-invadem-24-areas.shtml>>

<<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/10/1538573-sem-teto-invadem-predio-da-folha-no-centro-de-sp.shtml>>

Destruição

explosivos

fogo

fogos

incêndio

queimar

Relacionados à greve

ajuste salarial

pagamento

aumento

salarial

reajuste

salários

Referentes aos eventos 2

arrastão

feridos

ladrões

rebelião

rés

Tráfego e eventos

trânsito

transporte

veículos incendiados

veículo

fechamento de vias

congestionamento

vias congestionadas

veículos incendiados

rodízio

motoristas

bloqueio

Relacionados ao MST e MTST

invasão

ocupação

posse

reintegração

Tráfego e eventos 2

avenida

marginais

marginal

radial

Rebouças

rodovia

rua

via

Script

O conceito de script (a moldura cognitiva que emoldura um termo, dotando-o de conotação ideológica, ou a “ponta do iceberg que esconde o fundo” e remete o leitor a paralelos quase imediatos, mas nem sempre coadunados com o contexto da notícia) é central na análise do discurso. E o script da Folha é claramente ambíguo. A ponta do iceberg é a propalada neutralidade, sua prática (a montanha de gelo que afundou o Titanic), uma cambiante parcialidade. Ao reportar as manifestações com conteúdos extras (como vídeos e galeria de fotos), dando-lhes destaque, a Folha empalma o marketing da isenção como estratégia de venda. Mas a imparcialidade ou pluralidade do veículo (vale notar que outros jornais, inclusive no Brasil, ofendem menos o leitor, ou apostam menos em sua ignorância, e preferem ser o que são, isto é, opinativos) são dificilmente notadas.

O propósito de nossa detalhada apuração, dia a dia, foi averiguar se, e como, esta propalada imparcialidade, ou neutralidade, foi exercida. Nossas análises, já delineadas acima, nos levam a concluir que não, e definitivamente não. Sob o pretexto da pluralidade, a Folha pratica uma interessante e camaleônica (embora cada vez mais negligente, portanto, menos eficaz) expressão de parcialíssimos e voláteis pontos de vista, no seu caso (a diferença de outros jornais), travestidos de neutra e pura apuração dos fatos.

O desserviço ao leitor é óbvio. Sempre que o interesse de alguns é mascarado, envelopado e transacionado como o interesse de todos, perde-se o interesse comum, o mínimo denominador comum à democracia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRITO, Diana e ALVES, Osni. *Veículos são queimados em protesto contra morte de jovem em Niterói (RJ)*. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/04/1442928-tres-onibus-e-dois-carros-sao-incendiados-em-protesto-em-niteroi.shtml>.> Acesso em: 19 abr 2014.

Colaboração para a Folha. *Motoristas e cobradores em greve param avenidas na zona sul de SP*. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/05/1452965-motoristas-e-cobradores-em-greve-param-avenidas-na-zona-sul-de-sp.shtml>.> Acesso em: 12 mai 2014.

Folha de São Paulo. *Manifestantes incendeiam ônibus em protesto contra falta de água.* Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/162486-manifestantes-incendeiam-onibus-em-protesto-contra-falta-de-agua.shtml>> Acesso em: 22 abr 2014.

Folha de São Paulo. *Moradores em protesto depredam 35 ônibus municipais em Maceió.* Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/166830-moradores-em-protesto-depredam-35-onibus-municipais-em-maceio.shtml>> Acesso em: 20 mai 2014.

Folha de São Paulo. *Reintegração de posse no Rio tem confronto entre PMs e invasores.* Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/04/1439097-pm-cumpre-reintegracao-de-posse-de-predio-no-rj.shtml>> Acesso em: 11 abr 2014.

GALLO, Ricardo. *Manifestações durante a Copa viram atração turística para estrangeiros.* Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/06/1477052-manifestacoes-durante-a-copa-viram-atracao-turistica-para-estrangeiros.shtml>> Acesso em: 27 jun 2014.

LORES, Raul Juste. *Nos EUA, ONGs criticam repressão de atos no Brasil.* Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/158765-nos-eua-ongs-criticam-repressao-de-atos-no-brasil.shtml>> Acesso em: 29 mar 2014.

MARTINS, Marco Antônio. *Protesto em Niterói (RJ) termina com arrastão e nove veículos incendiados.* Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/04/1442999-protesto-em-niteroi-rj-termina-com-arrastao-e-nove-veiculos-incendiados.shtml>> Acesso em: 19 abr 2014.

MENDONÇA, Ricardo. *Para 73%, protestos geram mais prejuízos do que benefícios.* Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/05/1458078-para-73-protestos-geram-mais-prejuizos-do-que-beneficios.shtml>> Acesso em: 22 mai 2014.

VAN DIJK, Teun A. *“Media contents: The interdisciplinary study of news as discourse”*.
In VAN DIJK, Teun A. News as discourse. Estados Unidos: Lawrence Erlbaum Associates, 1988.